

O AMOR E O GOLPE

Ao observar Cristina pela primeira vez, com o seu andar de onda e o cabelo castanho claro escorrido até os ombros, Roberto sentiu uma pontada no peito. Que linda moça, pensou de imediato. Mas logo rechaçou aquele impulso juvenil, pois a sua mente estava mais preocupada com os rumos políticos do país e as suas consequências em Santa Catarina. Roberto era um líder estudantil e 1º secretário do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Rapaz alto, de boa aparência, proveniente de uma família de Criciúma, possuía traços vigorosos, denotando marcante personalidade. Além disso, era ávido leitor desde criança de tudo o que lhe caía às mãos e sempre se destacou nos estudos. A partir do curso secundário foi atraído pelos ideais socialistas, para contrariedade do pai, um comerciante que subira na vida por conta própria.

Corria o ano de 1963 e João Goulart, mais conhecido como Jango, recém adquirira os poderes presidenciais, após um período de parlamentarismo capenga. Mas os partidos de direita e os militares conspiravam contra ele, que defendia mudanças na estrutura social. A efervescência dominava o cenário político brasileiro. Passeatas, protestos, greves, confrontos ideológicos, pancadarias, discursos inflamados de ambos os lados. Roberto, como bom orador, estava sempre presente nos eventos a favor das reformas de base, propostas pelo presidente.

Mas, como se uma engrenagem oculta movesse os seus passos (ou os seus destinos), Roberto e Cristina, ou Cris, como era chamada pelas pessoas mais íntimas, começaram a se ver quase todas as tardes, quando ela saía do colégio das freiras, cercada por colegas, com a blusa branca e a saia bege plissada presa por duas alças da mesma cor, os cabelos esvoaçantes, enquanto ele permanecia na frente de um bar, onde se reunia com os companheiros. E percebeu que Cris também o olhava de uma forma diferente. Continuava, porém, rejeitando esses arroubos românticos, pois ela não passava de uma adolescente e ele já estava com quase 25 anos e o que mais importava em sua vida era terminar o curso de Direito e dedicar-se a uma carreira política. As mulheres só serviam para os seus prazeres imediatos.

Procurava, portanto, com certa dificuldade, tirar Cris de sua cabeça, apesar de ter procurado saber o seu nome, a sua idade (tinha 16 anos), quem eram os seus pais e o local onde moravam. E acabou descobrindo que ela era filha do conhecido político Aroldo Tavares, homem de elegante postura e cabelos acinzentados, ainda em forma para os seus cinquenta e poucos anos. Além de ocupar um proeminente cargo no governo estadual, notabilizava-se também por ser um convicto anticomunista e (diziam)

notório conspirador para a deposição de Jango. O que eliminava totalmente a hipótese de Roberto aproximar-se de Cris e manter algum tipo de relacionamento.

Então houve um baile de debutantes no principal clube da cidade. Roberto detestava essas festas burguesas, conforme alardeava por aí, mas depois de beber a tarde inteira numa roda de amigos (todos esquerdistas dispostos a mudar o mundo), decidiu ir, pois havia lido numa coluna social que ela seria uma das participantes.

Alugou um smoking (suas convicções impediam-no de possuir um) e, já no clube, viu-se envolto no turbilhão de luzes, brilhos, aromas, vozes e sons melodiosos de uma orquestra de dança. Durante o longo ritual da apresentação das debutantes, Roberto permaneceu no bar, deslocado em meio a grupos falantes, agitados e ansiosos para que o baile propriamente dito tivesse início.

Logo que isso ocorreu, ele, numa atitude ousada, tirou-a para dançar. E ao toque das mãos os tatos conheceram-se, identificaram-se, e ele sentiu pela primeira vez a proximidade e as emanções da atraente presença feminina, com seus contornos, ondulações e seios adolescentes (que de quando em quando se comprimiam ao seu peito) acompanhando-o na mesma cadência; e aspirou o suave aroma que se exalava da pele cor de pêssego; e contemplou os profundos olhos castanhos e a boca boa para ser beijada, parecendo uma flor sob um tênue batom. E entenderam-se como se já se conhecessem desde o princípio dos tempos.

Roberto não conseguiu mais deixar de pensar nela e apaixonou-se de uma forma ainda inédita em sua vida. Seus colegas de “república” (a pensão onde morava na capital) denominaram-no “papa anjo”, mas, mesmo assim, ele passou se encontrar com Cris todos os finais de tarde – ela ainda em traje colegial –, enlevando-se em carícias mútuas num banco de jardim, enquanto o sol transpassava as árvores e as folhagens com os seus últimos raios. Aos domingos ela guardava um lugar no cinema para ele.

Eis, porém, que, numa tarde de inverno, Aroldo Tavares entrou na sala de trabalho de Roberto (ele assessorava um alto funcionário federal) e declarou incisivo: “Se você quiser namorar a minha filha será sob os nossos olhos. Daqui em diante você vai vê-la na nossa casa. Nada de encontros furtivos em jardins ou cinemas.” Roberto concordou.

Descobriu então que a expressão “sob os nossos olhos” não era apenas figurativa e podia também significar “sob as nossas asas.” Pois, filha única, Cris recebia cuidadosa atenção de Tavares e da esposa, Lúcia, de quem Cris herdara as belas feições e a altivez na maneira de se comportar. Após ser autorizado a frequentar três vezes por semana a ampla varanda da luxuosa casa, localizada numa rua “nobre” da cidade, ele percebia, por detrás de cortinas, os olhos vigilantes de Lúcia controlando as

sussurrantes conversas e a movimentação dos jovens enamorados. Os momentos de mais intimidade eram, pois, raros e difíceis. Só quando ela conduzia-o ao portão de saída, Roberto era agraciado com um fugaz beijo de despedida. O que já bastava para deixá-lo num estado de grande excitação, obrigando-o depois a procurar consolo nas damas da noite em algum prostíbulo.

Dois meses depois do início oficial do namoro, Roberto foi convidado a acompanhar a pequena família a um restaurante fino para um almoço dominical. A conversação – no início difícil e embaraçosa – descontraíu-se após o consumo de algumas garrafas de vinho e o assunto entre os homens acabou tendendo para a inevitável situação política. E os pontos de vista mostraram-se opostos. Quando a temperatura começou a elevar-se, Lúcia deu um jeito de buscar assuntos mais amenos.

A partir daí, Tavares passou a convocar Roberto seguidamente para a troca de idéias a respeito “dos turbulentos tempos de Guerra Fria em que vivemos”, conforme suas próprias palavras, sob os protestos de Cris, que detestava “essas conversas chatas sobre política.” Depois de algum tempo, Roberto observou que Tavares queria obter informações sobre os planos e ações dos partidos de esquerda, notadamente o comunista. Pois corria a versão que Jango, insuflado pelo seu impetuoso cunhado, o ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, pretendia fechar o Congresso e implantar uma república sindicalista. Roberto argumentava que tais hipóteses não passavam de boatos espalhados pelos opositores do governo, que procuravam pretextos para uma intervenção militar. E fazia questão de salientar que não era comunista, mas sim defensor do socialismo.

“Para mim é tudo farinha do mesmo saco”, afirmava Tavares. “O que todo esquerdista almeja é a implantação da ditadura do proletariado, seguindo os ensinamentos de Karl Marx. E, com isso, trocar o Capitalismo pelo Comunismo, acabar com a propriedade privada e levar pessoas do meu nível social para o paredão, como já está acontecendo em Cuba com o Fidel Castro.”

“No Brasil não há condições para que isso aconteça”, refutava Ricardo. “A própria índole do povo brasileiro não aceitaria. Mas é necessário haver mais justiça social e diminuir a desigualdade entre os poucos que têm muito e os muitos que nada têm.”

“Chavões da esquerda” contra-atacava Tavares. “O que todo o comunista quer é tomar o Poder. Mas não deixaremos.”

Assim passavam horas, sem chegar a nenhuma concordância, cada um aferrado às suas certezas.

Mas foram os prognósticos de Roberto que se confirmaram e os tanques invadindo as ruas das principais capitais brasileiras na manhã de primeiro de abril de 1964 simbolizaram o golpe de estado no governo legalmente constituído, ou “quartelada”, de acordo com os esquerdistas. Para os militares e conservadores, porém, o que ocorreu foi uma “revolução redentora”. Jango, para evitar uma guerra civil, refugiou-se no Uruguai e o general Humberto Castelo Branco, com a subserviência do Congresso Nacional, assumiu a Presidência da República. E começaram as perseguições aos inimigos do novo regime.

Roberto, como líder universitário de esquerda, foi um dos primeiros a ser preso, junto com a maioria dos seus companheiros do Diretório Acadêmico. Após passar alguns dias sendo interrogado, foi enviado para uma prisão militar em Curitiba.

Passado algum tempo, Roberto recebeu na prisão a visita de Aroldo Tavares.

“Eu posso livrá-lo da cadeia”, disse Tavares. “Mas existem algumas condições.”

“E quais são?”, perguntou Roberto.

“O seu namoro com a minha filha tem que acabar. E você vai se comprometer a não escrever mais para ela e não procurá-la mais.”

Roberto pensou um pouco e depois disse:

“Era o que eu imaginava. O senhor está querendo me chantagear.”

“Se você preferir ver dessa forma. O fato é que estou lhe oferecendo uma oportunidade de se livrar de um longo processo e talvez até de ser exilado. Este é o seu desejo?”

“Claro que não. Mas eu gosto muito da Cris e ela demonstra sentir o mesmo por mim.”

“Só que o relacionamento de vocês tornou-se inviável. Nas atuais circunstâncias não há a menor possibilidade de essa história ir adiante. Você já é bem maduro para saber disso. E outras experiências amorosas surgirão na sua vida. Cris vai sofrer um pouco, mas ainda é muito jovem e tudo o que está acontecendo agora logo será lembrado como uma paixão da juventude.”

“Não é tão fácil assim.”

“O tempo resolve tudo. A verdade é que queremos para ela alguém que lhe proporcione uma vida tranquila...”

“Alguém que seja um burguês privilegiado como o senhor, de preferência rico e que compartilhe com as suas ideias reacionárias.”

“E qual o problema dessa escolha? Quem não quer o bem dos seus filhos? E, no momento, você não preenche esses requisitos. Pelo contrário, está bastante encrencado.”

“O regime militar não vai durar para sempre.”

“Pode ser. Mas lhe garanto que não vai acabar tão cedo.”

“Isso não ao vem caso agora. Vamos ao que interessa. Quais são as outras condições para eu ser solto?”

“Só tem mais uma: não retornar a Florianópolis.”

Roberto meditou por longos minutos. Até que, encarando Tavares, apresentou a sua decisão com uma só palavra:

“Aceito.”

Depois de libertado, Roberto mudou-se para São Paulo. Após o Ato Institucional nº 5, no final de 1968, que endureceu ainda mais o regime, ele radicalizou a sua posição contra a ditadura militar, foi para a clandestinidade e ingressou, ao mesmo tempo, na Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Em 1974 desapareceu. E nunca mais foi encontrado.

(Do livro “Assassinato ao Luar”, Editora Insular, 2015.)

